

## DRAMAS CIRCENSES: TEATRO E MEMÓRIA

*Paulo Roberto Vieira de Melo*

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Teoria do Espetáculo, teatro popular, dramaturgia.

Durante muitos anos o circo foi o responsável pelo divertimento e principalmente pela emoção nas pequenas localidades, ou mesmo em bairros afastados das grandes cidades. Nesse espetáculo de variedades que é o circo, havia, entre as atrações mais esperadas, a representação de dramas, verdadeiro teatro popular, com textos originais ou adaptados de filmes e romances populares, manuscritos em cadernos escolares, que vinham a se constituir um dos ricos acervos de uma trupe circense. Os atores que os representavam eram os mesmos habilidosos artistas do trapézio, dos malabares, enfim, todos aqueles que na primeira parte do espetáculo haviam encantado o público com a demonstração de suas técnicas particulares, fosse qual fosse.

No tempo de eu menino os circos que chegavam ao bairro de periferia onde eu morava já não representavam dramas. Em seu lugar, atrações mais picantes como a rumbeira, com a sua carga de insinuações eróticas, com o seu rebolado que entortava o nosso olhar, fazia a turma do poleiro quase que se pendurar na lona de tanta excitação. Em contraponto a exuberância corporal da rumbeira, havia a romântica cantora de fados. Os figurinos sóbrios da fadista já eram por si só um convite para ser ouvida passivamente. Foi graças a essas fadistas de circo que pude conhecer canções como *Mouraria*, que um dia ousei cantar para um grupo de portugueses que nos recepcionavam na cidade de Avintes, quando finalizávamos uma excursão por Portugal com o espetáculo *Última Estação*.

Não assisti a nenhum espetáculo de drama nos circos da minha infância, mas pude ter a dimensão do que eles seriam pelas descrições de minha tia, que morava na cidade de Cabaceiras, nos cariris da Paraíba, e que me contava o quanto ela chorava com o sofrimento da pobre mãe injustamente acusada de traição, no drama *A Louca do Jardim*, um dos sucessos mais emblemáticos entre os dramas circenses, um verdadeiro clássico desse espetáculo teatral genuinamente popular. Depois da minha tia, e já eu começando a fazer teatro, ouvi do meu primeiro diretor, Leonardo Nóbrega, e desta vez com o colorido da expressão emocionada que faltava em minha tia, o quanto era bela a cena final de *O céu uniu dois corações*, em que se abria uma cortina de fundo, com uma luz especial e uma sonoplastia que envolvia o espectador para o grande final, o

momento em que as duas almas apaixonadas e injustamente separadas pudessem encontrar-se no paraíso, onde se faria justiça ao amor.

Dramas lacrimejantes - eram o que eram os espetáculos de teatro circense em sua maioria. Mas não apenas isto: eram, sobretudo, dramas morais, em que a honra era posta em cena para ser vilipendiada pelo cafajeste, que se esmerava em conquistar a esposa do amigo, quando não a desvirtuar a mocinha virgem, ou a desonrar a casa alheia, mas fosse o que fosse a ação maléfica, no fim o malvado sempre seria de alguma maneira castigado e o amor e o bem, afinal, sempre venceriam o mal.

Mas se não pude assistir aos espetáculos de teatro circense, pude desenvolver um projeto de pesquisa<sup>1</sup> sobre o tema que desde os relatos da minha tia e do meu diretor já me seduziam, até porque, depois deles, procurei assistir ao menos um desses dramas em vários circos de periferia, o que acabou por se transformar numa busca inútil, porque os dramas já não tinham mais lugar nos cirquinhos (e nos circos grandes ele nunca teve vez mesmo), substituídos que foram por pastiches eróticos que sequer têm a graça insinuante das rumbeiras de minha infância, mas que são as reproduções de ícones sexuais criados e difundidos pela televisão, a exemplo da Tiazinha e outras heroínas do pornô disfarçado.

Em meu projeto – Dramas Circenses – realizei pesquisa junto ao Circo Canarinho, em João Pessoa, e pude recuperar, digitalizando e fotocopiando, vinte textos do acervo que é conservado por seus proprietários mais pela lembrança do que pela serventia que possa ter<sup>2</sup>. Depois, localizei em João Pessoa uma família de ex-circense, que foi durante anos e anos proprietária de circo<sup>3</sup>. Em visita a família, jamais pude ter acesso aos textos que a mãe da ex-troupe circense me dizia que os tinha em quantidade, devidamente guardados num baú. Mas em todos testemunhei os mesmos relatos emocionados quanto aos espetáculos de dramas que representaram algum dia.

Entre os textos que eu consegui obter junto ao Circo Canarinho, percebo algumas características comuns a todos, mas, em especial, escolhi seis dramas para exemplificar e apresentá-las: *A Escrava Isaura*, *O Ébrio*, *Os Bandidos da Serra Morena*, *Se o Anacleto Soubesse*, *A Marca do Pecado* e *Coração Materno*.

Eis os pontos comuns desses textos: objetividade nos diálogos e nas construções de cenas, que por esse motivo se mostram curtas quanto à ação. As personagens falam

<sup>1</sup> Projeto desenvolvido entre os anos de 2003 e 2004, em João Pessoa, do qual eu fui o coordenador.

<sup>2</sup> Esses textos foram originalmente escritos em cadernos escolares. As cópias digitalizadas se encontram em meu poder. Os cadernos originais foram devolvidos aos proprietários.

<sup>3</sup> Esta família não trabalha mais em circo há muitos anos, embora os mais jovens sejam professores de circo da Escola de Circo do governo do Estado da Paraíba.

apenas aquilo que é necessário ao entendimento da cena e da ação. Isso faz com que as cenas sejam extremamente precisas, uma precisão profissional, eu diria, sem que haja espaço para divagações poéticas ou ações paralelas.

Outra característica bem marcante é quanto ao fundo moral explícito de todos os textos, que os levam inevitavelmente para dois temas condutores: O dever e a honra.

No texto *Os Bandidos da Serra Morena*, por exemplo, Leonor, após ter sido seqüestrada pelo chefe do bando (José Maria) e o seu comparsa (Ângelo), recebe de presente ricas jóias, depois que José Maria lhe diz que fez o sacrifício, o seqüestro da moça, por amor. Leonor recusa veementemente o presente oferecido: “não aceito presentes de um ser igual a ti, não hei de manchar os galões do meu marido por um bandido de tua espécie”. José Maria imediatamente reage à negativa da moça: “Vais pagar o fruto da tua estupidez com a vida (puxa a espada e vai a ela)”. Sem se intimidar, Leonor revela afinal o motivo de tanta altivez: “Mata bandido, mas mata uma mulher pura e honrada”.

O contrário da mulher pura e honrada é aquela que trai, como é o caso de Iracema em *A Marca do Pecado*, que trai com o amante (Jaime) o esposo (Jordão). Nesse caso, a punição pode ser a mais severa, a morte, ou, quando não, a mutilação física: Jordão, após flagrar a esposa nos braços do amante, “dá um corte na face esquerda dela e a joga para Jaime que a ampara nos braços depois de um grito de Iracema que está com o rosto sangrando” de acordo com a rubrica. A atitude de Jordão merece o elogio de Pascoal, seu amigo: “Bravo seu Jordão! Bravo! O senhor agora mostrou que é um homem de verdade! Agora, todas as vezes que pegar no espelho, para pentear os cabelos... verá sempre no seu rosto: A marca do pecado”.

O amor do pai, Miguel, em *A Escrava Isaura*, faz com que ele lute para salvar a honra da filha, ameaçada pelo cruel e implacável senhor de escravos Leôncio. Diz Miguel: “Já sei. o senhor quer ter a minha filha para com forças e ameaças fazer dela uma desgraçada, roubando o que ela tem de mais sagrado, que é a honra”.

Os exemplos se somam em praticamente todos os textos.

É comum que no drama haja não apenas a carga de tensão que o caracteriza, mas igualmente o contraponto cômico, representado por uma personagem inserida na ação com a finalidade de provocar o riso ou a ironia. Provavelmente na cena, essa personagem devia ser representada pelo palhaço da trupe. São exemplos dessa personagem Tibúcio, de *Os Bandidos da Serra Morena* e Felisberto, em *Coração Materno*.

Entretanto, em um dos textos, embora apresentado como “drama” pelo autor é, na verdade, o seu contrário: *Se o Anacleto Soubesse* é uma comédia na qual o Anacleto do título é um marido dominado pela esposa, mas somente até quando descobre que ela “gostava de homem que fosse enérgico, que batesse”, como ele diz ao amigo Tobias. A partir daí, o Anacleto resolve ser “homem de verdade”, e nesse sentido domina e amansa a esposa brava, que se quer lhe deixava sair de casa. De certa forma, o tema desta comédia lembra o de uma outra famosa: *A Megera Domada*, de Shakespeare, naturalmente que se guardando as devidas proporções entre uma obra e outra.

*Se o Anacleto Soubesse* aparece como sendo uma peça escrita por Walter Durand (Brasinha), mas é uma obra que estreou como chanchada da Atlântida, realizado por volta de 1954 com a direção de Ronaldo Lupo, com Zé Trindade fazendo o papel título.

A autoria dos dramas circenses é sempre algo nebulosa, porque é parte de uma tradição de escrita popular na qual o texto recebe a autoria de quem o reescreve ou mesmo o reaproveita ou o refaz. O drama *O Ébrio* é uma adaptação de Nelson Silveira, baseado no romance de Gilda Abreu, de 1946, e que também foi adaptado para o cinema com Vicente Celestino fazendo o papel principal. Da mesma fonte lacrimosa e extremamente popular, vem também o drama *Coração Materno*, de Sanharó, escrito em 1978. *A Escrava Isaura*, de Valdelice Castor, por sua vez, é uma adaptação do romance de Bernardo Guimarães, escrito em 1875, no auge da campanha abolicionista, e popularíssimo desde então.

O fato de muitos dramas terem o filme ou o romance (*O Corcunda de Notre Dame* é outro exemplo notável) como fonte de inspiração, é uma prova cabal de que os autores de dramas circenses estavam inteiramente conectados a produção de histórias que fossem de gosto popular, afinal era para atrair o público que os dramas eram criados. Talvez seja por conta do público que os dramas deixaram de ser representados nos circos, uma vez que o gosto do público, com o passar do tempo, foi mudando, seduzido com certeza por outros folhetins, estes produzidos pela televisão. Esse é, provavelmente, o motivo pelo qual os dramas deixaram de ser atração nos circos. Ou porque a televisão supriu a fantasia (como no filme *Bye Bye Brasil*, de Cacá Diegues) e nesse sentido a televisão se tornou uma espécie de circo eletrônico com a sua intensa produção de folhetins. Ou porque o gosto popular tanto se modificou que já não há espaço para a fantasia, ao menos para o tipo de fantasia que garantia o comparecimento do respeitável público nos espetáculos circenses, como os de antigamente.

Bibliografia:

ARAÚJO, Albemar & MORENA, Índia (organizadores). **Dramas Circenses**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2006.

Textos recolhidos no Projeto de Pesquisa Dramas Circenses:

CASTOR, Valdelice. **A Escrava Isaura**. Texto manuscrito em caderno escolar. Sem local e sem data.

DURAND, Walter. **Se o Anacleto Soubesse**. Texto manuscrito em caderno escolar. Sapé: 1974.

SANHARÓ. **Coração Materno**. Texto manuscrito em caderno escolar. Sem local: 1978.

SILVEIRA, Nelson. **O Ébrio**. Texto manuscrito em caderno escolar. Sem local, sem data.

**A Marca do Pecado**. Texto manuscrito em caderno escolar, sem autor, sem local e sem data.

**Os Bandidos da Serra Morena**. Texto manuscrito em caderno escolar, sem autor, sem local e sem data.